



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

INALDINA DIANA CRUZ GOMES

**O IMPACTO DA DIVERSIDADE SEXUAL BRASILEIRA PARA OS
ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB-CE**

**REDENÇÃO
2016**

INALDINA DIANA CRUZ GOMES

**O IMPACTO DA DIVERSIDADE SEXUAL BRASILEIRA PARA OS
ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB**

Trabalho de Conclusão de Curso- TCC apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.
Orientadora: Dr^a Luma Nogueira de Andrade

REDENÇÃO
2016

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

-
- G612i Gomes, Inaldina Diana Cruz.
O impacto da Diversidade sexual brasileira para os estudantes guineenses da Unilab. / Inaldina Diana Cruz Gomes. – Redenção, 2016.
45 f.: il.; 30 cm.
Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.
Orientadora: Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade.
Inclui Referências.
1. Homossexualidade e educação . I. Título.

CDD 371.8266

INALDINA DIANA CRUZ GOMES

**O IMPACTO DA DIVERSIDADE SEXUAL BRASILEIRA PARA OS
ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB**

Trabalho de Conclusão de Curso submetida à Coordenação do Curso de Graduação em Bacharelado em Humanidades, da UNILAB, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. LUMA Nogueira de Andrade (Orientadora)
UNILAB

Professor (a) Dr (a)
Nome da UNIVERSIDADE

Professor (a) Dr (a)
Nome da UNIVERSIDADE

*A Deus por ser extremamente paciente e piedoso comigo...
Aos meus pais que foram companheiros em todas as horas...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao *Senhor* por todas as coisas boas e ruins que me aconteceram na vida e pelas lições que tenho aprendido ao longo da minha história, mesmo que algumas delas me tenham trazido sofrimento.

Agradeço aos meus pais amados, *Joaquim Gomes e Maria E.L. da Cruz*, se há algo que faz diferença na formação da personalidade e na vida de uma pessoa é o amor que ela recebe. Eles me educaram com amor, se dedicaram a minha educação como ser humano, fez de mim a pessoa que hoje sou. Aos meus irmãos que sempre são amigos verdadeiros e companheiros que estão sempre presentes, obrigada por me darem forças nos momentos mais difíceis e por serem tão importantes na minha vida. As minhas irmãs, agradeço muito por sermos tão amigas e confidentes, sei que nem todas as irmãs têm uma relação tão bonita como a nossa, elas são o melhor presente que a vida me deu. A toda a minha família pela confiança e motivação.

Ao meu namorado, melhor amigo e companheiro de todas as horas, *Sarif Fernandes Baldé*, pelo carinho, compreensão, amor e solidariedade cativante, por ser tão bondoso comigo e por sempre me apoiar em todas as minhas decisões.

Agradeço a minha orientadora, professora Dr^a *Luma Nogueira de Andrade*, por fazer do aprendizado não o trabalho, mas um contentamento. Por fazer me sentir uma pessoa de valor, por me ajudar a descobrir o que fazer de melhor e, assim, fazê-lo cada vez melhor, por me afastar o medo das coisas que eu não pudesse compreender e resolver o que me achava complicado. Aos/as meus/minhas *interlocutores/as* por acreditar no meu trabalho.

Por fim, agradeço aos meus *amigos* que entenderam e sempre estiveram ao meu lado durante esse período difícil de esforço e carreira para a conclusão desse TCC, e aos meus *colegas* de curso pela força e pela vibração em relação a esta jornada.

RESUMO

O objetivo da pesquisa é analisar as diferenças culturais entre Guiné-Bissau e Brasil em relação às sexualidades considerando a percepção dos estudantes guineenses da UNILAB-CE. O desconhecimento da diversidade sexual brasileira antes de chegar ao Brasil é uma realidade para os estudantes guineenses que não vivenciam de forma tão pública as transgressões de gêneros e sexualidades em seu país de origem. A sexualidade faz parte do ser humano, sendo esta regulada na sociedade ocidental por normas que impõe o que pode e o que não pode, sendo as religiões cristãs desde a idade média produtora de normatizações que legitimam a heteronormatividade. Os homens e as mulheres amantes do mesmo sexo têm formas de relacionamentos sexuais divergentes dos padrões hegemônicos contrariando imposições sociais conservadoras (heterossexualidade). A pesquisa foi desenvolvida pelo método quanto qualitativo, o campo de observação é a UNILAB e os sujeitos são estudantes guineenses da referida universidade localizada no Brasil, estado do Ceará. Durante o trabalho de pesquisa foram utilizadas várias técnicas do trabalho científico como a observação participante, o diário de campo e os questionários. Os teóricos mais utilizados para fundamentação do estudo foram: Foucault (1988), Heilbom (2003), Weeks (1995), Louro (2004 e 2007) e Silva (2005). Como estudante guineense da UNILAB-CE, tive que aprofundar meus conhecimentos sobre a diversidade sexual existente no Brasil para o desenvolvimento desta pesquisa e produzir conhecimento que apresente a racionalidade que alimenta as discriminações e as violências que existem principalmente em Guiné-Bissau contra as sexualidades não hegemônicas.

Palavras-chave: Diversidade sexual, sexualidades, Guiné-Bissau e Brasil.

ABSTRACT

The goal of the research is to analyze the cultural differences between Brazil and Guinea-Bissau taking into consideration the perception of sexualities in Guinean students from UNILAB-CE. Unfamiliarity of the Brazilian sexual diversity before coming to Brazil is a reality for Guinean students who do not experience so as public transgression of genders and sexualities in their country of origin. The sexuality is part of the human being, which is regulated in Western society by rules concerning what can and what can not be done, since the Christian religion from the Middle Ages produced regulations that legitimize heteronormativity. Men and women, lovers of the same sex have different forms of sexual relationships of hegemonic patterns contradicting conservative social impositions (heterosexuality). The research was conducted by the qualitative and quantitative method, UNILAB was taken as the observation field and the object of the research were Guinean students from that university in Brazil, Ceará State. During the research work, we had used various techniques of scientific work as participant observation, field diary and questionnaires. The theorists we mostly used to study the reasons were: Foucault (1988), Heilbom (2003), Weeks (1995), Louro (2004-2007) and Silva (2005). As a Guinean student from UNILAB, I had to deepen my knowledge of the existing sexual diversity in Brazil for the development of this research and produce knowledge to present the rationale that feeds the discrimination and violence that exist mainly in Guinea-Bissau against non hegemonic sexualities.

Key-Words: Sexual Diversity, sexualities, Guinea-Bissau and Brazil.

LISTA DE SIGLAS

AIDS- Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

BHU- Bacharelado em Humanidades

CE- Ceará

CPLP- Comunidade dos Países da Língua Portuguesa

LGBTT – Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti e Transexual

TCC- Trabalho de Conclusão do Curso

UNILAB- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVOS	19
1.1.2	Objetivo geral.....	19
1.1.3	Objetivos específicos.....	19
2	METODOLOGIA.....	20
3	AS DIVERGÊNCIAS CULTURAIS ENTRE BRASIL E GUINÉ-BISSAU SOBRE AS SEXUALIDADES.....	25
4	A PERCEPÇÃO SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL BRASILEIRA	30
5	A SOCIABILIDADE COM A DIVERSIDADE SEXUAL BRASILEIRA	34
6	CONCLUSÃO.....	39
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
	ANEXOS	43

1. INTRODUÇÃO

Através desta pesquisa, ocorre a aproximação com a realidade percebida nos olhares de guineenses sobre a sexualidade divergente do modelo heteronormativo e acontecimento que ao longo do tempo no contexto da sexualidade que é um aspecto da vida do ser humano que também deve ser discutido e problematizado. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), está localizada no município de Redenção, sendo o campo de estudo desta pesquisa, e os sujeitos são os/as estudantes guineenses da referida universidade.

A Guiné-Bissau é um país localizado na costa ocidental de África, faz fronteira, ao norte com Senegal e ao sul e oeste com Guiné Conakry. Além do território continental, o país integra ainda cerca de 40 ilhas que constituem o arquipélago dos Bijagós. Foi uma colônia de Portugal, desde o século XV até à sua independência, em 1974, portanto a língua oficial é o português, porém é falada por minoria da população, a maioria das pessoas falam o crioulo e dialetos tribais próprio de cada etnia. O território é relativamente pequeno possui uma população aproximadamente de um milhão de habitantes. Os trajes, os ritmos e as danças tradicionais estão associados à gastronomia e este é proveniente da biodiversidade, sendo um povo com várias etnias e cultura, são portadores de diversidade dos pratos atrativos e nutritivos.

No município de Redenção foi construído o primeiro campus da UNILAB chamado de liberdade que fica situado a 55 quilômetros de Fortaleza, capital do estado de Ceará, recebeu esse nome por ter sido a primeira cidade brasileira a libertar todas as pessoas escravizadas. Este fato histórico aconteceu no dia 25 de março de 1884, antes da existência de Lei Áurea¹ assinada pela princesa Isabel² e a partir dessa data ficou promulgado o artigo 18 da constituição Estadual como dia da consciência negra, e passando a ser feriado para as comemorações oficiais da libertação das pessoas escravizadas. Também em reconhecimento ao pioneirismo do fim da escravização, o município foi escolhido para receber a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) desde 2009. A cidade de Redenção possui turísticos que remetem a realidade histórica da libertação dos/as negros/as como o

¹ Lei Aurea- Em 13 de 1888, a princesa Isabel assinou a lei Aurea que aboliu a escravidão no Brasil. Aurea quer dizer "de ouro" e a expressão refere-se ao caráter glorioso da lei que pôs fim a essa forma desumana de exploração do trabalho.

² Princesa Isabel (1846-1921), foi regente do Império no Brasil. Filha de D.Pedro II assinou a Lei do Ventre Livre e a Lei Aurea, que acabou com a escravidão no Brasil.

Museu Senzala Negro Liberto, o Casarão, a Fazenda Gurguri Senzala, o Monumento Negra Nua, a Escadaria Santa Rita e as três igrejas históricas na cidade.

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) que foi criada em 2010, tem como função educar os indivíduos para ajudar com a integração entre o Brasil e os outros estados que pertencem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), principalmente aos países africanos e Timor-Leste. Com o foco no ensino superior, no desenvolvimento de pesquisas e na extensão universitária, ela procura motivar o crescimento local e a relação cultural, científico e educacional. A universidade tem como objetivo ofertar ensino de nível superior, desenvolver pesquisas nas áreas de conhecimento e favorecer a extensão universitária. A UNILAB é resultado da luta dos Afro-Brasileiros junto ao governo brasileiro para o combate ao racismo e as diversas formas de preconceitos e discriminações, possibilitando principalmente a cooperação com o continente africano.

Foi através da UNILAB que eu e os/as interlocutores/as desta pesquisa chegamos ao Brasil após processo de seleção na embaixada brasileira. A chegada ao Brasil proporcionou o contato com formas de culturas e sociabilidades diferentes e o estranhamento foi imediato principalmente em relação à diversidade sexual que trataremos com maior detalhamento adiante. Nós guineenses não necessitamos ter medo e nem devemos desvalorizar o desconhecido, pois, a ignorância e a rejeição a diferentes formas de existência das pessoas se configura como violação a dignidade humana. Dignidade esta que a nós africanos foi conquistada a duras pernas. A razão da pesquisa é analisar as diferenças culturais entre Brasil e Guiné-Bissau em relação às sexualidades.

À sexualidade faz parte do ser humano, hoje no Brasil é cada vez maior o número de pessoas que assumem sua orientação sexual e ocorre a tentativa de invisibilidade destas devido ao preconceito e a discriminação fora do modelo heteronormativo apesar de não existir lei de criminalização, assim como não existe de combate à homofobia³. A pesquisa vai produzir diálogo entre dois países (Brasil e Guiné- Bissau) a cerca das sexualidades na perspectiva dos/as estudantes guineenses da UNILAB.

É inevitável falar da diversidade sexual sem o foco nos debates sobre relações de gênero, conceito do sexo e do gênero. O sexo é uma palavra que pode ser facilmente

³ Homofobia- significa aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio, preconceito que algumas pessoas, ou grupos nutrem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais.

usada para distinguir um homem de uma mulher, ou seja, sexo masculino e sexo feminino, no entanto, tal palavra também pode ser usada quando se trata de órgãos sexuais, ou a práticas de atividades sexuais (Houaiss, 2009). A construção dos gêneros se dá através da dinâmica das relações sócias. Os seres humanos só se constroem como tal em relação com os outros.

Saffioti considera que não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outro. E a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do "eu", que entra em relação com "outro". Cada ser humano é a história de suas relações, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/ etnia (Saffioti, 1992, p.210).

A homossexualidade⁴ em muitas tribos africanas é muito precoce e em vários países da África como Angola, Arábia Saudita, Argélia, Benin, Botsuana, Burkina Faso, Burundi, Camarões, Comores, Egito, Eritreia, Etiópia, Gâmbia, Gana, Guiné, Libéria, Líbia, Malawi, Marrocos, Maurício, Mauritânia, Moçambique, Namíbia, Nigéria, Quênia, República Democrática do Congo, Senegal, Serra Leoa, Seychelles, Somália, Suazilândia, Sudão, Tanzânia, Togo, Tunísia, Uganda, Zâmbia e Zimbábue, é considerada ilegal pela legislação atual, a pena mínima será punido com um longo tempo de prisão e estando o indivíduo sujeito à multa, e no máximo ocorre a pena de morte, principalmente nas nações de religião islâmica, porque os fiéis julgam a existência dos homossexuais e costumam afirmar que o Alcorão que é considerado o livro sagrado contém condenações mais ou menos determinadas acerca das relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo (Castetbon, 2015).

Claro que na Guiné-Bissau existem as pessoas homossexuais, mas com medo de manifestarem os seus desejos sexuais em razão do receio, de agressões, ofensas e até ameaças públicas de morte. Assim como no Brasil em Guiné-Bissau não existe lei de criminalização à população LGBTT⁵ nem tão pouco para os protegê-los, ficando reféns de uma cultura machista e homofônica, herança também daqueles que colonizaram ambos os países no caso os portugueses. Os guineenses têm à cultura de que só pode se relacionar o homem com a mulher, não devendo existir as homossexualidades porque envolvem relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

⁴ Homossexualidade- refere-se ao atributo, característica ou qualidade de um ser humano ou não que sente atração física, emocional e estético por outro ser do mesmo sexo.

⁵ LGBTT- é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros que consistem em diferentes tipos de orientações sexuais.

Enquanto estudante guineense da UNILAB-CE ao chegar ao Brasil encontrei pessoas de expressões sexuais diferente de meu país, quando cheguei fui passear com a minha irmã mais velha no centro da cidade de Fortaleza, mas reparei de que a realidade é tão diferente porque vi um homem vestindo de mulher e com toda jeitinho de uma senhora e daí perguntei para ela: "Porque no Brasil alguns homens desejam transformar em mulheres e vice-versa?" "Porque não existe a pena de morte para eles como em alguns países da África?". Mas ela me respondeu quase tudo que sabia sobre as homossexualidades sem a informação da existência de travestis⁶. Quando eu estava matriculada no terceiro trimestre decidi estudar com a professora Dr^a Luma Nogueira de Andrade na disciplina Educação e Sociedade I. No primeiro dia de aula ela chegou à turma e eu não consegui identificar se aquela pessoa era um homem ou uma mulher por conta da estrutura física, a fala e até o jeito que estava na turma, nem consegui prestar atenção na aula só para tentar descobrir o sexo biológico e fiquei muito admirada. Depois da aula fui perguntar uma colega sobre a professora e ela me explicou sobre as pessoas travestis. Desde aquela data comecei a gostar muito da professora e decidi que o meu tema de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) seria baseado no contexto da sexualidade e ela seria minha orientadora. Compreendia a importância de produzir conhecimento sobre este novo universo que se encontra inviabilizado em meu país.

A sexualidade afirma Foucault, é um *dispositivo histórico* (1988). Em outras palavras, ela é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discurso que regulam que normatizam que produzem verdades.

O termo homossexual surgiu no ano de 1869, pelo escritor e jornalista austro húngaro Karl Maria Kertbeny, com o intuito de substituir o termo sodomita (SILVA, 2005). Durante a Idade Média, a relação entre pessoas do mesmo sexo, era caracterizada como sodomia⁷.

O homem deve buscar a caráter como pode atribuir valores as homossexuais sem preconceitos e discriminações como diz o autor Heilborn:

Uma das primeiras formas de classificação no mundo social diz respeito ao sexo das pessoas. A palavra sexo, contudo, pode ter vários sentidos superpostos: ela pode designar o formato físico dos corpos macho ou

⁶ Travestis- era originalmente alguém que se vestia com roupas de sexo oposto.

⁷ Sodomia- é uma palavra de origem bíblica usada para designar atos praticados pelos moradores de cidade de Sodoma. Por muitos anos sodomia vem sendo interpretado por diversos segmentos religiosos com as perversões sexuais.

fêmeas da espécie, mas também a atividade sexual. A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. (Heilborn, 2003b. 2).

Geralmente quando a sociedade difere da origem e situação de alguns indivíduos ou até mesmo quando esta, por razão de categoria sente-se mal em estar perto de seres que provavelmente são imorais e inferiores a ela, aparece um problema chamado preconceito. O sentido desta palavra refere-se ao acontecimento de você, ter um pensamento, uma crítica de alguém sem conhecer a individualidade e a aparência mediante a figura física ou comportamentos passageiros em momentos impróprios, o que conferem ideais apressadas a respeito da pessoa avaliada.

Para Louro, a homossexualidade pertence os problemas ou questões da sociedade e da cultura:

As formas de viver a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, mais do que problemas ou questões de indivíduos, precisam ser compreendidas como problemas ou questões da sociedade e da cultura. É relevante refletir sobre as possibilidades e as impossibilidades que essa cultura coloca para a sexualidade. É relevante refletir sobre os modos como se regulam se normatizam e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneses, raças e classes nas suas formas de experimentar prazeres e desejos, refletir sobre as práticas que tais sujeitos põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres. (Louro, 2007).

Na sociedade contemporânea, problema referente a corpos gêneros e sexualidades tem ocupado uma significativa concentrada em muitas persistências sociais e culturais. Neste contexto, praticamente podemos observar elementos de várias ordens emergiram, para debater os sujeitos que afastaram da norma, procurando os motivos para tal desvio e tratamento para aqueles indivíduos. Tais discursos passam, também, no espaço escolar sem nele se pararem, traduzindo e produzindo maneiras de enxergar, raciocinar e agir opressivos em relação à diversidade sexual. Também ela destaque que:

Desprezar o sujeito homossexual era (e ainda é), em nossa sociedade, algo “comum”, “compreensivo”, “corriqueiro”. Daí porque vale a pena colocar essa questão em primeiro plano. Parece absolutamente relevante refletir sobre as formas de viver a sexualidade, sobre as muitas formas de ser e de experimentar prazeres e desejos; parece relevante também refletir sobre possíveis formas de intervir, a fim de perturbar ou alterar, de algum

modo, um estado de coisas que considero intolerável. (Louro, 2004, p.12).

Nesta análise, nos preocupa debater como a ciência vem cuidando das questões de identidades sexuais, com a intenção de dar explicações e justificativas para a origem da homossexualidade. Embora estejamos destacando a identidade sexual, concebemos que os indivíduos são compostos por múltiplas identidades.

Segundo Stuart Hall, a identidade indica a percepção individual sobre o gênero masculino e feminino que uma pessoa percebe para si mesma:

As muitas formas de fazer mulher ou homem variam possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridos, anunciadas, promovidas socialmente. Elas são também renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentadas, também, por essas manifestações. Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, procurando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas diversões sociais e nascimento do que passou a ser conhecido como *política de identidades*. (Stuart Hall, 1997).

Compreender as relações de gênero como fundadas em categorizações presentes em toda a ordem social, permite entender não apenas a disposição dos homossexuais, em particular, como inferior, mas também a relação entre sexualidade e poder. O conceito de gênero é percebido como relações estabelecidas a partir da intuição social das diferenças biológicas entre os sexos.

Conforme Weeks, podemos reconhecer, teoricamente, que nossos desejos e interesses individuais e nossos múltiplos pertencimentos sociais possam nos empurrar em varias direções, no entanto, nós tememos a incerteza, o desconhecimento, a ameaça de que o que somos agora é o que, na verdade, sempre fomos. (Weeks, 1995, p. 89).

A maioria das pessoas consideram os homossexuais como pessoas que são infectadas de vírus sexualmente transmissíveis como descreve o Soares:

A partir da AIDS, como acontecimento discursivo, no início da década de 1980, os sujeitos homossexuais imersos em um silêncio constitutivas, em se tratando de imprensa de circulação nacional, passam a serem discursivizações, quase de forma generalizada, pelos meios de comunicação, numa relação causal com vírus da imunodeficiência adquirida. A AIDS, como um acontecimento discursivo produziu também outros deslocamentos. O maior deles que se pode perceber nas mídias em relação há duas décadas, sobre os sujeitos homossexuais, é,

sem dúvida, as respostas imediatas sobre quaisquer manifestações contrárias aos direitos e aos modos de vida desses sujeitos (Soares 2012).

Uma das maiores falsidades sobre AIDS é a concepção de que ela foi produzida como método de destruir alguém, principalmente devido ao fato de que os primeiros casos de AIDS foram reconhecidos em gays, tanto que por algum tempo a esse vírus era chamado de doença de gays. Para completar, os primeiros casos em heterossexuais foram encontrados em imigrantes africanos e haitianos, outro grupo que não costuma ser bem recebido.

Dessa forma, era designado como homossexualismo⁸ para qualificar comportamento desviante entre pessoas do mesmo sexo (Furlani, 2003, p.153). Durante a história da homossexualidade, foram produzidos vários discursos que argumentam e evidencia o surgimento de tal identidade, outro conceito no âmbito da biologia que procuram mostrar um possível causa da homossexualidade.

Portanto, o trabalho está dividido em cinco capítulos. No terceiro capítulo identificamos as divergências culturais entre Brasil e Guiné-Bissau em relação às sexualidades. Explicamos sobre o desentendimento dos guineenses em relação à sexualidade, escrevendo sobre as homossexualidades na sociedade guineense que não tem visibilidade e como eles são tratados por conta da cultura e costume do país. No quarto capítulo identificamos a percepção dos estudantes guineenses da UNILAB sobre a diversidade sexual brasileira. São apresentadas diversas razões para a história dos homossexuais. Por fim, no quinto capítulo verificamos como se estabelece a sociabilidade entre estudantes guineenses da UNILAB com a diversidade sexual brasileira. Mostrando como os/as estudantes guineenses têm esse primeiro contato com os homossexuais e quais são suas reações com a visibilidade.

⁸ Homossexualismo- é a prática de relação amorosa e/ou sexual entre indivíduos do mesmo sexo.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo geral

- Analisar as diferenças culturais entre Brasil e Guiné-Bissau em relação às sexualidades.

1.2.2. Objetivos específicos

- Identificar as divergências culturais entre Brasil e Guiné-Bissau em relação às sexualidades.

- Compreender a percepção dos estudantes guineenses da UNILAB sobre a diversidade sexual brasileira.
- Verificar como se estabelece a sociabilidade entre os estudantes guineenses da UNILAB com a diversidade sexual brasileira.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é quanto qualitativa, o campo de observação foi a UNILAB-CE e os/as sujeitos/as são os/as estudantes guineenses da referida universidade. Durante o trabalho utilizamos várias técnicas como a observação participante, o diário de campo e os questionários.

Em termos gerais, a observação participante é feita em contato direto, seguida e prolongada do pesquisador, com os atores sociais, sendo assim o próprio pesquisador a ferramenta de pesquisa, ela é uma experiência de investigação social em que o observador dividiu na norma em que as situações o admitam as atividades, as oportunidades, os interesses e os apegos de um conjunto de indivíduo ou de uma sociedade (Anguera, 1985). Por outras palavras, o investigador encontra-se numa tensão permanente entre a necessidade de se adequar às características do grupo e a necessidade de manter o necessário espírito crítico e a isenção científica.

Todavia, pelas suas próprias estruturas, a observação participante representa poucas utilidades, como o perigo, sempre presente, do pesquisador deslizar para a objetividade, justo ao seu caso individual com o objeto, e a contingência da sua comparência transtornar a normal duração da relação social (Burgess, 1995). Podemos considerar que a observação constitui uma técnica de investigação, que usualmente se complementa com a entrevista semiestruturada ou livre, embora também com outras técnicas como análise documental.

A observação participante é dinâmica e encantador e o pesquisador é conjuntamente instrumento na recepção de dados e na sua significação, como já abordámos. Na verdade, é importante que o observador esteja ciente dos conhecimentos culturais e possa desenvolver a sua tendência de introversão (Correia 2009). Também, ela é dinâmica e abrangente e o investigador ao mesmo tempo é instrumento na recolha de dados e na interpretação.

Em relação à observação participante, inicialmente percebemos que até agora a maioria dos/as sujeitos/as têm dificuldade de compreender a realidade brasileira sobre a sexualidade, foi perceptível durante o estudo que alguns/mas interlocutores/as até agora não gostam dos homossexuais têm o preconceito e a discriminação porque acham que a existência de tantos homossexuais no Brasil já é um exagero, umas minorias respeitam as homossexualidades.

Outra técnica da pesquisa foi o diário de campo sendo uma das etapas importantes do estudo de campo. Esta técnica se caracteriza por ser um instrumento de registro diário. Um diário consta todas as informações que não sejam o arquivo das entrevistas formais (Minayo 1993, p. 100).

Dessa forma, para o pesquisador, o diário de campo tem como objetivo registrar, em tempo real, atitudes, fatos e fenômenos percebidos no campo de pesquisa. Por meio do registro poderá se estabelecer relações entre as vivências da pesquisa e o aporte teórico dado na universidade e/ou adquirido pelo pesquisador, por seu próprio interesse. Os registros devem ser feitos diariamente, sempre datados, sinalizando os sujeitos envolvidos, o local, a situação observada, as condições que podem estar interferindo no fato, a influência da rotina e as normas institucionais do fenômeno.

No caso de Hess, o diário é uma técnica de registro dos pensamentos e dos grupos de pesquisa no cotidiano da própria pesquisa, também, diz que, como a história de vida, o diário inscreve-se no movimento da escrita biográfica. Dentre as formas de escrita, o autor diz que, o diário ocupa o seu lugar ao lado de outras formas de escrita, como a correspondência, mas também de textos de testemunhos, de livros de família, de livros de razão, etc. (Hess 1996, p.63-64).

Começamos o diário de campo no início do quinto trimestre, observamos os/as estudantes guineenses da UNILAB, como eles/as se comportam na presença das homossexualidades em salas de aulas, no pátio, na biblioteca, no auditório, na restaurante universitário, no banheiro, enfim em todo o lugar que pertence à universidade. Porque alguns/mas estudantes guineenses dizem que têm raiva das homossexualidades, não gostam de ficar perto dos deles e nem gostam de fazer amizade com eles, dizem que eles são jeitosos e engraçados.

Um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Embora o mesmo autor afirme que nem todos os projetos de pesquisa utilizam essa forma de instrumento de coleta de dados, o questionário é muito importante na pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais. Ele afirma também que construir questionários não é uma tarefa fácil e que aplicar tempo e esforço adequados para a construção do questionário é uma necessidade, um fator de diferenciação favorável, Parasuraman (1991). Não existe uma metodologia padrão para o projeto de questionários, porém existem recomendações de diversos autores com relação a essa importante tarefa no processo de pesquisa científica.

Antes de iniciar a aplicação de questionário com os participantes entregamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para atender as orientações do Comitê de Ética, constante no anexo I. O trabalho de aplicação dos questionários, constante no anexo II, com os/as sujeitos parecia muito fácil, quando começamos a entregar o mesmo e orientar em relação ao tempo necessário para devolução, fui surpreendida com alguns/mas estudantes se recusando se quer pegar o questionário alegando não gostarem de homossexuais, em razão do preconceito que manifestava de forma latente, mas outros resolveram e devolveram para que fosse analisado.

Em relação ao perfil dos/as sujeitos/as que participaram da pesquisa realizada com trinta e dois estudantes guineenses da UNILAB-CE, os resultados encontrados sobre a idade foram: 37,5% entre 19 a 21 anos de idade; 40,625% entre 22 a 24 anos de idade; 18,75% entre 25 a 27 anos de idade e 3,125% não identificaram a sua idade.

Os/as participantes estão distribuídos em diferentes cursos de graduação ofertados pela universidade, sendo 46,875% graduando do BHU; 6,25% graduando de Letras-Língua Portuguesa; 9,375% graduando em Administração Pública; 6,25% graduando em Engenharia de Energia; 6,25% graduando em Ciências da Natureza e Matemática; 9,375% graduando em Agronomia; 12,5% graduando em Enfermagem e 3,125% não escreveram o curso de graduação.

Em relação à cor da pele dos/as participantes foram detectados que 53,125% dos/as estudantes com a cor de pele negra; 3,125% com a cor de pele castanha; 6,25% com a cor de pele preto-negra; 3,125% com a cor de pele negra africana e 6,25% não escreveram a cor da pele. Os/as estudantes guineenses desta instituição quase todos se auto identificam de pele negra, sendo importante destacar que alguns revelam ter cor diferente do binarismo negro/branco.

Sobre a religiosidade cerca de 75% dos/as estudantes pertenceram a religião cristão/católica; 9,375% pertenceram a religião muçulmana; 9,375% pertenceram a religião evangélica; 3,125% pertenceram a religião adventista do sétimo dia e 3,125% seguem a religião dos seus ancestrais. Nesse caso, a religião cristã prevalece com maior numero.

Quando perguntado sobre o sexo dos/as participantes obtivemos que 50% dos/as estudantes eram do sexo feminino; 46,875% eram do sexo masculino e 3,125% não escreveram o seu sexo biológico. Sobre a orientação sexual 78,125% se auto identificam como heterossexuais e 21,875% não identificaram suas orientações sexuais. É possíveis que alguns/mas participantes não compreendam o significado dos termos orientação

sexuais heterossexuais e homossexuais pela ausência de informação do campo das sexualidades.

As regiões que os/as participantes habitavam em Guiné-Bissau eram: 84,375% habitavam em Bissau; 3,125% habitavam em Cacheu/Canchungo; 3,125% habitavam em Bolama Bijagós e 9,375% não escreveram onde habitavam. A maioria dos/as participantes é da capital não por acaso, pois é o público com mais privilégio pela oferta do ensino médio e o fato da embaixada do Brasil está situada em Bissau.

Foi verificado que em relação à etnia, os resultados encontrados foram: 25% foram da etnia Manjaco; 18,75% foram da etnia Mancanha; 18,75% foram da etnia Papeis; 15,625% foram da etnia Balanta; 9,375% foram da etnia Fula; 6,25% foram mistas (junção de várias etnias) e 3,125% foram Manjaco/Papeis.

Atualmente a cidade/localidade que os/as participantes habitam são: 50% dos/as estudantes habitam atualmente em Redenção; 40,625% habitam em Acarape; 6,25% habitam em Antonio Diogo(distrito do município de Redenção) e 3,125% habitam em Aracoiaba. Isto ocorre pelo fato do campos da liberdade está situada no município de Redenção e o campos dos palmares no município de Acarape.

Em relação à renda familiar foi detectado que 53,125% dos/as participantes têm a renda familiar entre meio a um salário mínimo; 18,75% têm a renda familiar entre dois a quatro salários mínimos; 25% não identificaram a sua renda familiar e 3,125% não sabem da sua renda familiar. Em relação às bolsas de estudo 75% dos estudantes não recebem bolsa; 12,5% recebem bolsa de PAES; 9,375% recebem bolsa de PIBID e 3,125% recebem bolsa de pesquisa.

O fato de ter sido uma estudante guineense da UNILAB fazendo esta pesquisa foi mais fácil o acesso ao campo, porque como sou da mesma nacionalidade com os sujeitos, facilitou bastante o trabalho, com empatia eles/as me falaram muito sobre esse tema, inclusive em nossa língua crioula. Em alguns momentos pensamos que iria encontrar uma resposta positiva, mas achamos outra, por exemplo: fizemos uma pergunta, o que você faria em relação aos homossexuais se pudesse interferir na realidade brasileira? E um dos/as interlocutores/as respondeu que se pudesse interferir acabaria com essa cultura que afetaria a geração futura.

Usamos o "*Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento*" onde explicamos para os sujeitos que o estudo pretende analisar as diferenças culturais entre Brasil e Guiné-Bissau em relação às sexualidades. Foi informado também que a participação seria voluntária e se daria pela resolução do questionário que possibilita a existência riscos

decorrente da participação. Os resultados da mesma serão analisados e publicados, mas a identidade dos/as participantes não será divulgada, pois os nomes oficiais foram substituídos por nomes fictícios.

3. As divergências culturais entre Brasil e Guiné-Bissau sobre as

sexualidades.

Em uma sociedade orientada por preconceito e discriminação, o que predomina é uma postura egoísta em que a maior vítima é o OUTRO (fora de norma), ele sempre vai ser excluído, e também acontecem tentativas de desvalorizar condutas que passem a ameaçar a diversidade.

Quando questionados sobre como na Guiné-Bissau, é determinado o ser homem ou mulher, 100% dos/as estudantes responderam que é pelo órgão genital:

Essa pratica de homossexual não é vista na sociedade guineense, se você é homem tem que comportar como homem e a mulher também (Quinta). Através desse órgão distinguimos o gênero da pessoa (Albino). A pessoa é identificada pelo que ela é por natureza e não por pretensão sexual (Jorge). Porque em Guiné-Bissau não existe homossexual (Cabral). Porque lá não existe muita competição de diversidade sexual (Joaquim). Porque ainda não tem, ou as pessoas têm vergonha e medo de se apresentar (Tino). Porque é a nossa cultura (Rosa). Porque ninguém se considera com outro órgão genital (Antônia). Porque o casamento é de homem com a mulher (Xavier). Porque se não houver homem e mulher casando não teríamos a continuidade das pessoas no mundo (Domingos).

Os/as estudantes não conseguem compreender a diversidade sexual que não seja determinada pela visão da Biomedicina, o que não dá possibilidade de compreensão do transito entre gênero/sexualidade. Como afirma Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Assim nos construímos enquanto homens e mulheres, sendo para além de uma determinação essencialista genital. Mas o que quero abordar aqui é o aspecto mais científico da coisa: quem nos promete que a presença ou não do órgão sexual seja capaz de definir a identidade de gênero de alguém? Ter vagina não significa que faz de alguém mulher e nem ter pênis também não significa que faz homem, mas me parece uma situação preservada e autoritária para a sociedade guineense. Para ser homem ou mulher, não é aparência, não é a forma como se veste, não é o pênis nem é a vagina: é dentro. Uma sociedade perfeita seria uma em que todo o individuo pudessem ser o que deseja ser, e ser feliz assim.

Quando indagados sobre a existência das sexualidades em Guiné-Bissau quais os/as estudantes responderam que: 90,625% estudantes informaram em heterossexual; 3,125% informaram em outros, mas sem mencionar qual será e 6,25% não escreveram nada.

A expressão diversidade sexual só pode ser observada provavelmente para entender e concordar que a humanidade pode mostrar semelhanças biológicas. Quando se leva em

conta o grau de dificuldade da comunicação social, das diferenças culturais, dos idiomas e hábitos distintos, entre outros elementos que conferem a identidade sociedades, é mais simples perceber a diversidade sexual. Esta diversidade não se limita apenas ao exercício do sexo, mas semelhantemente a tudo que configura a sexualidade, por exemplo, as experiências de vida, os hábitos apropriados ao longo da existência, as emoções, a forma de comportar e a maneira como os indivíduos se veem e são vistas pelos outros.

Em relação questão o que os/as participantes achavam da pessoa que nasce com um órgão genital e se comporta na sociedade de forma oposta, responderam de diversas formas:

Eu acho que esta pessoa não está respeitando as normas religiosas (Eduardo). Eu acho estranho porque ele tinha que comportar do jeito do seu sexo (Segunda). Eu acho isso estranho, mas respeito ate porque não tenho informações sobre essa motivação (Domingos). Acho que os hormônios "progesterona e testosterona" que leva essa pessoa a comportar de forma oposta (Augusta). Acho que devemos ter a liberdade sexual por isso que cabe cada um definir o seu ser (Xavier). Antes de vir para o Brasil eu achava um absurdo, eu perguntava a mim mesmo como é que pode, mas, depois que eu vim estudar no Brasil aprendi a habituar e aceitar essas pessoas, ter respeito por elas (Quinta). Eu acho muito normal porque cada pessoa tem a sua opção (Angelina). Acho normal porque cada qual é livre de comportar da forma que ele quiser na base na lei (Gabriel). Eu acho normal porque temos que respeitar as diferenças (Joana). Acho que são pessoas anormais, que não conformam com a sua natureza (Marisa). É chocante logo ao primeiro contato, mas no mundo cada um é livre de fazer a sua escolha (Albino). Para mi acho que é a natureza da pessoa ninguém nasce e depois quer mudar de sexo (Antónia).

Em relação aos/as estudantes, ficou evidente que existe a exposição de ideias em conformidade com a crença religiosa, e o pensamento da biomedicina, alguns/mas trouxeram questões da estranheza. Tais pensamentos podem legitimar outras ideias reveladas como loucura. Apesar destes posicionamentos alguns já reivindicam o respeito às diferenças e consideram tais sujeitos normais.

A homossexualidade muitas vezes, pode ser identificada logo na infância, mas o acesso à informação costuma a demorar. O assunto que ainda não é tão debatido como deveria, é observado como um tabu, o que só contribui ainda para a discriminação. A emoção de inconformidade do corpo e identificação com o sexo oposto, na maioria das vezes, costuma se apresentar desde cedo. A sociedade guineense precisa-se apoderar de informações ricas sobre a diversidade sexual para parar de excluir e desvalorizar o outro ser humana da nossa própria espécie. Mas eu, sempre tive curiosidade sobre o assunto

porque, no meu país não é muito esclarecido não por preconceito, mas por falta de conhecimento e já me forneci bastante das curiosidades que eu tinha.

Sobre a forma de tratamento destinada as homossexualidades em Guiné-Bissau, os/as participantes revelaram:

São tratados mal porque não é a nossa cultura nem nosso costume (Segunda). Não são bem vistas, mas ninguém chega a espanca-los (Quinta). Eu nunca conheci um homossexual na Guiné-Bissau (Jorge). Na verdade eu não conheço a historia dos homossexuais de perto na minha região (Amélia). Como não tem, portanto fica difícil de saber como iria ser tratado (Henrique). Na minha Guiné-Bissau são discriminados, houve um grande preconceito a esse assunto (Julia). São discriminados porque ali não tem nenhuma lei que defende-lhes (Rosa). A sociedade não aceita homossexuais porque é o algo novo para eles (Domingos). Dos poucos homossexuais que eu conheci são tratados de forma preconceituosa e pejorativa (Alda). Os homossexuais são tratados como pessoas normais (Tino). São tratados um pouco normal (Fernando). São tratados bem (Angelina).

Conforme os relatos ficam perceptíveis que a maioria reconhece a forma de abjeção que as homossexualidades são tratadas em Guiné-Bissau. Ficam evidente alguns estudantes guineenses da UNILAB ainda persistem em reconhecer a existência das homossexualidades em seu país, em razão de compreender a homossexualidade como algo “tese exogênicas” a cultura guineense. Para Silva a cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo (Silva, 2006). Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica.

As posturas da sociedade em relação à homossexualidade mudam extremamente em diversas culturas e diversas faces históricas. Todas as culturas têm os seus próprios princípios em relação à sexualidade. Os homossexuais são discriminados em quase todo o mundo. Logico que é muito mais fácil de um homossexual viver no Brasil do que em Guiné-Bissau, por conta da realidade existente, mas não significa que os pais brasileiros vão comemorar por terem um filho homossexual. Em relação à situação dos poucos homossexuais que eu conheci na sociedade guineense, eles são desrespeitados, maltratados (fisicamente e psicologicamente) e até algumas vezes são torturados por pura

covardia, tanto por isso que existem outros homossexuais que não se assumem por puro medo da violência gratuita que sofreriam.

Indagando os/as participantes sobre a existência das políticas públicas e/ou leis de defesa aos homossexuais, obtivemos que 84,375% informaram que não existem Leis de defesa as homossexualidades; 6,25% informaram que existe a Lei e 9,375% informaram que não sabem se existe e nunca ouviram falar de possíveis Leis na Guiné-Bissau, desta natureza e ainda apresentaram justificativas para essas respostas:

Não tenho conhecimento sobre a existência dessa lei (Antónia). Porque a nossa cultura não permite esses tipos de pessoas porque esse ato é extremamente absurdo (Ernesto). Porque o direito humano defende o direito de todos os seres humanos independente da raça, cor, sexo, religião... (Alberto). Porque na Guiné-Bissau é proibido o casamento de homossexuais (Marisa). Não temos os homossexuais por isso também que não tem leis que os defendem (Maria). Eu acho que para o nosso governo não existe homossexual na Guiné-Bissau (Francisca). Porque não tem um número das pessoas que reivindicam dos seus direitos sexuais (Domingos). Porque ainda não são muito visto na sociedade guineense (Caetano).

Considerando as referidas justificativas, a ausência de lei de proteção às homossexualidades busca legitimação em um suporte ausência homossexualidades, assim como de lutar pela causa.

Para falar de políticas públicas para os homossexuais, é importante esclarecer o que se entende por políticas públicas. De forma geral, as políticas públicas se referem a acontecimentos de efeito social que envolve recursos públicos e estão sob a obrigação social.

As políticas públicas são consideradas como um conjunto de decisões e ações destinadas à resolução de problemas políticos. Essas decisões e ações envolvem a atividade política, compreendida como conjunto de procedimentos formais e informais que expressam relações de poder e que se destinam à resolução pacífica de conflitos quanto a bens públicos (Rua 1998, p.12).

Segundo Silva, as políticas públicas surgem da necessidade oriunda de situações de injustiça, insatisfação e perigo apresentadas pelos atores políticos ou sociais, direta ou indiretamente interessados, que pretendem tomar parte nas decisões do governo e lutar por sua cidadania (Silva 2013, p.2).

A homossexualidade é um tema que promove grande problema e acabam trazendo o encaminhamento dos projetos de lei, que reconhecem essa orientação sexual, um

assunto cheio de preconceito, tabus, mitos. Na sociedade guineense tem aquilo que não se adapta nas normas da sociedade é chamado de "anormal". A mesma sociedade esta com tantas polemicas sobre o assunto, não admitem a homossexualidade e nem a possibilidade de casamento entre pessoas do mesmo sexo.

4. A percepção sobre a diversidade sexual brasileira.

Em relação à diversidade sexual, a sociedade deve procurar, antes, pôr questões referentes a gênero, orientação sexual e sexualidade no universo da ética e dos direitos humanos, vistos a partir de uma possibilidade libertadora. Dessa forma, impede discursos que, simplesmente demonstram tais questões.

Ao questionar aos/as participantes, o que acham de homem que relaciona sexualmente com outro homem, ou de mulher que relaciona com a outra mulher, foi detectado que: 34,375% informaram que é anormal; 31,25% informaram que é normal; 12,5% informaram que é o pecado; 6,25% informaram que é a doença; 6,25% informaram que é a doença, o pecado, anormal e falta de vergonha; 3,125% acharam que é a falta de vergonha; 3,125% acharam que isso é uma coisa pessoal; 3,125% informaram que é desejo/gosto. Justificativas:

Acho que é uma doença porque não é possível um homem gostar do outro se não for doente (Eduardo). É uma doença porque ninguém nasce é quer mudar do sexo (Antónia). Segundo as religiões nos ensinam, Deus fez homem e mulher não por acaso, ele fez para relacionar (Albino). Para minha cultura é anormal porque um homem só deve relacionar com uma mulher (Manuel). Para mim não há nada de mal e de errado nisso são os seus sentimentos e gostos, todo mundo não pode gostar de uma coisa só é bom variar também (Francisca). É muito normal desde já que você está satisfazendo a sua necessidade ou desejo (Gabriel). Porque é a forma que eles acham de manifestar seus prazeres (Julia). Acho normal porque acredito que o relacionamento sexual não é apenas com homem e mulher (Alda). Porque ele/ela deve ter sofrido alguma alteração no seu gênese (Segunda).

Na tentativa de justificar suas respostas os/as estudantes apresentam divergências, alguns ainda permanecem não aceitando as homossexualidades e utilizando como justificativas os fundamentos na biomedicina e na religiosidade. Contrariando tais posicionamentos, relatos recentes preferidos por integrantes na igreja católica como o Bispo Raul Vera complementa que a igreja tem que se aproximar das pessoas homossexuais não para condená-las. Não devemos eliminar a riqueza de um homossexual somente devido a sua orientação sexual. É importante ressaltar que uma parte superaram as fundamentações científicas e religiosas que excluem homossexualidades separando inclusive ideias conservadoras a cultura do país de origem. A referida mudança tem

influência direta pela convivência com tais diferenças em território brasileiro especialmente em Redenção e na UNILAB.

O fato de termos nascido com um pênis ou uma vagina não é somente um dado natural, depois a seguir dele se determinam maneiras diferentes de criar, cuidar e educar meninos e meninas. Ou seja, qualquer comunidade ou cultura interpretam uma característica física e lhe dão sentido, deste modo, a partir do nascimento, a sociedade comunica a cada um dos sexos a forma imaginariamente correta de se comportar, as ambições que pode ter os direitos e as obrigações que estão agregados ao masculino e ao feminino, como se fossem mundos separados. No entanto, desde a infância, quem não se adapta quem não obedece ao esperado, vivencia o preconceito e a discriminação. Os indivíduos que não se adequam são percebidos pela sociedade tradicionais como infelizes, transtornados, doentes, anormais ou até mesmo corruptos, simplesmente porque não incorporam as certas normas sociais, e tudo isso termina com revoltas ou outras formas de viver o desejo e satisfazê-lo sem culpa.

Sobre o que os/as participantes acham da diversidade sexual brasileira, verificamos as seguintes respostas:

Acho-a normal tendo em conta a cultura brasileira (Manuel). A diversidade sexual brasileira eu acho normal porque não afeta a minha vida, e só tenho que respeitar (Cabral). Acho normal porque não é sexo que determina o ser pessoa na sociedade (Alda). É interessante e difícil de entender (Albino). É muito comum, eu acho que, mas tarde teremos mais homossexuais do que heterossexuais (Jorge). Acho às vezes um exagero porque me parece que as pessoas esforçam isso mesmo não ter esse sentimento (Quinta). Acho péssima essa diversidade, do outro lado respeito porque é a cultura deles (Ernesto).

Apesar outros participantes entenderam como normal outra parte ainda considerada algo perigoso em que o numero de homossexual supera o de heterossexual, que revela uma defere do modelo hegemônico em relação a diversidade sexual existente.

Diversidade sexual é o termo utilizado para caracterizar as várias maneiras de expressão da sexualidade humana. Assim também no Brasil a compreensão das questões de sexo biológico, gênero, identidade de gênero e orientação sexual na sociedade brasileira a partir de uma possibilidade de valorização da igualdade de gênero e de promoção de uma cultura de respeito e reconhecimento da diversidade sexual. Mas, quando falamos sobre a diversidade sexual, então começa a recordar a questão do preconceito e da discriminação, a ideia de que ser homossexual é um algo errado. Muitas

vezes, o indivíduo, pode-se reparar diferente da norma social, pode ter problemas sem relacionar com outras pessoas. Mas também necessitamos lembrar o mito de que alguém pode virar homossexual por se conviver com essas pessoas. O que move as escolhas do parceiro ou da parceira é o desejo.

Em relação ao que os/as participantes fariam em relação aos homossexuais se pudesse interferir na realidade brasileira, obtivemos diversas respostas:

Ajudara-os a ter espaço em qualquer que seja sociedade (Alda). Eu vou levar isso para qualquer tipo da sociedade que eu frequento, para nós discutirmos e defendermos os direitos dos homossexuais (Amélia). Punir pessoas que têm preconceito com homossexuais (Gabriel). Ajudavam eles com os seus direitos (Bibiana). É lutar para a igualdade dos gêneros (Alberto). Em relação aos homossexuais se pudesse interferir na sociedade brasileira eu acho que não há nada para mudar isso porque uma vez que a pessoa nasce com isso é difícil mudá-la (Quinta). Eu respeitaria tudo que tem haver com a liberdade de qualquer ser (Manuel). Convidariam eles para igreja assim eles saberiam que homossexual é pecado (Rosa). Se eu pudesse interferir eu ia proibir a homossexualidade (Eduardo). Se eu pudesse interferir na realidade brasileira eu faria uma lei de punição quanto aos homossexuais (Marisa). Se eu podia interferir é acabar com essa cultura que afetaria geração futura (Ernesto).

Estas respostas ajudam a comprovar esta interpretação, apesar de alguns apresentarem aberturas aceitando e respeitando, percebemos relatos de ódio extremo como o de determinar ou mesmo produzir lei para punição.

Atualmente não existe uma norma própria onde a orientação sexual seja causa da busca de abrigo. Por este motivo, muitos países podem negar o pedido de um solicitante caso ele esteja sendo perseguido em seu país de origem por ser homossexual. O Brasil é um dos países que aceitam homossexuais por encontrar uma abertura na norma. Mas, tente adivinhar que você nasceu em um país onde sua maneira de amar não é protegida por lei, que a sua forma de amar não é admitida socialmente, você cresce numa sociedade que acha esquisito seu sentimento por concordar que ele é algo muito incorreto e prefere escondê-lo, no decorrer do tempo não vai mais conseguir esconder, que não vive conforme os padrões sociais determinados em seu país de origem. Se uma família descobre que um integrante apresenta característica de homossexual encaminham o mesmo para um tratamento psicológico é visando a "cura".

Mas, para Oscar a expressão mais bela e enriquecedora da vida humana é a sua diversidade, uma diversidade que nunca pode servir para justificar a desigualdade, para que existe a igualdade, devemos evitar as normas que definem o que deve ser uma vida

humana normal ou a forma normal de alcançar a felicidade, e a única qualidade normal que pode existir entre os seres humanos é a própria vida (Oscar, 1987).

5. A sociabilidade com a diversidade sexual brasileira

Com essa pesquisa tentaremos considerar o procedimento da sociabilidade dos homossexuais numa comunidade que reflete certamente em sua inclusão na esfera social, percebemos a socialização como o meio pela qual a pessoa torna-se membro de uma dada sociedade, tomando em consideração à maneira como estes se inserem e se integram com as outras pessoas e vice-versa como a ponta Berger e Berger (1980).

Ao perguntar se os/as participantes foram assediados por pessoa do mesmo sexo no Brasil, 75% escreveram que não e 25% escreveram que sim, obtivemos que aqueles que responderam positivamente revelaram:

Em redenção, mas reagi de uma forma legal (Cabral). No internet parei de conversar com o cara no chat (Domingos). No facebook, bloqueei ele e fiquei muito ruim, é péssimo (Fernando). No internet, mas eu o fiz entender que eu não posso namorar e nem fazer sexo com pessoa do mesmo sexo e depois pedi desculpa por ele não achar que é um preconceito contra ele (Caetano). Foi na praia, fiquei mal porque foi à primeira vez na minha vida (Eduardo). Achei normal, mas eu não sou do tipo que fica com o homem (Tino). Foi aqui no Brasil, tentei explicar lhe que ele é homem como eu, e tem muitas mulheres por aí (Albino). Aqui reagi naturalmente na negativa, mas achei um pouco exagerado (Jorge).

De acordo com as falas dos/as participantes o fato de sofrer assédio por parte de um homossexual é motivo para inclusive se sentir mal, por ser algo inevitável para a realidade de suas práticas sexuais. Interessante que apenas os homens se manifestaram e reprimindo a liberdade sexual.

Liberdade sexual significa o direito de agir segundo a sua livre vontade, desde que não prejudique outra pessoa, é o sentimento de estar livre e não depender de ninguém, liberdade é também um conjunto de ideias liberais e dos direitos de cada cidadão.

Ao serem questionados se fariam amizade com um homossexual, todos os/as participantes responderam que fariam, e justificaram:

Faço sim, principalmente gays, eu acho que eles são as pessoas mais simpáticas e inteligentes (Amélia). Tenho um amigo homossexual do eu gosto muito, é uma pessoa muito educado e trata todo mundo com respeito (Quinta). Eu já sou amigos com muitos, são pessoas humildes como qualquer pessoa merece a minha amizade (Jorge). Porque dependente da minha religião, nunca uma pessoa pode ignorar outra de qualquer jeito que ele é (Marisa). Não tenho nada contra eles, porque eles estão fazendo que eles achem melhor (Ernesto). Agora já acostumei com a realidade brasileira (Eduardo). Porque é a pessoa humana e fato da sua sexualidade não tem nada haver (Xavier). Porque o homossexual é um ser humano igual a qualquer ser (Angelina). Porque apesar de ser

diferente de mim ele ainda é um ser humano não é nenhum mostro (Segunda). Porque é um ser humano não podemos excluir ele na sociedade (Augusta). Porque é um ser humano como eu, só ele é homossexual isso não vai me impedir ter amizade (Joaquim). Porque é uma pessoa independentemente da sua orientação sexual (Domingos).

Interessante que as justificativas apresentadas se baseiam no fato dos homossexuais serem considerados seres humanos, mesmo a prática não sendo aprovadas. A ideia de serem pessoas alegres bem humorizados e inteligentes são características para referenciar os homossexuais.

Esta relação entre duas pessoas do mesmo sexo é que faz com que a homossexualidade seja vista de maneira perturbadora pela sociedade, pois o que incomoda não é o ato sexual em si, mas as prováveis conexões de apego que este modo de vida pode apresentar. A amizade vivida nesta forma de sexualidade é responsável pela descoberta de uma diversidade de relações. Com a ideia de diferenciação e o papel que ela tem na criação de uma nova forma de vida e como a noção de um conhecimento real e verdadeiro nos facilita entender a construção da homossexualidade. Portanto, procura-se uma reflexão de como a homossexualidade pode experimentar, através da amizade, varias formas de prazer conduzidas de sentimentos.

Ao serem perguntados se gostariam de estudar com um homossexual, os/as participantes responderam que 96,875% gostariam e 3,125% não gostariam e ainda justificaram:

Porque não gosto deles (Ernesto). Eu gosto de estudar com qualquer pessoa, independentemente do seu sexo (Manuel). Sim, porque precisamos construir ou educar o nosso olhar sobre outro, por isso é preciso aproximação/convívio (Xavier). Seria um privilégio (Antónia). Para tentar conhecer melhor de por que ele quer ser um homossexual (Segunda). Porque os homossexuais a maioria são inteligentes e excelentes (Francisca). Porque ele mesmo faz com que agente fica mais divertido na sala ainda (Augusta). Ele é pessoa como eu, e a orientação sexual não é a razão para estar contra (Jorge). São pessoas como eu, mas a verdade é que devemos respeitar as diferenças (Eduardo). Porque como ele é não implica que eu vou mudar do que eu sou (Joaquim). Porque dai vou tentar saber de mais perto a realidade que ele está vivenciando (Julia).

Na maioria das justificativas fica perceptível à abertura para a convivência com homossexuais no espaço universitário, isto não significa que seja unanimidade, alguns ainda não conseguem estabelecer a referida convivência.

O tema da homossexualidade tem sido bastante debatido, certamente por está cada vez mais presente na sociedade brasileira. Há uma história da homossexualidade marcada por alterações declaradas, já que ora era observado como pecador, ora como doente, ora como criminoso, ora como violador e ora como louco.

Ao perguntar aos participantes se estudariam com um/a professor/a homossexual, 96,875% responderam que estudaria e 3,125% responderam que não estudaria e justificaram:

Não gosto, porque no meu curso não tem professor homossexual (Ernesto). Com certeza que eu estudaria com um professor homossexual, para mim é privilégio estudar com ele e dividir a mesma sala com ele (Quinta). Sim, desde já também que esta a desempenhar o papel de professor (Henrique). Sim, para aumentar o meu conhecimento (Cabral). O problema é o estudo não é o sexo (Bibiana). Porque o conhecimento, ou seja, a capacidade intelectual é o que me interessa não é o que ele é (Alda). Porque o meu aprendizado não tem nada haver com a vida pessoal do meu professor (Rosa). Porque se ele é professor e eu sou aluno tenho que aceitar (Fernando). Porque é um ser humano (Joaquim). Porque são muitos atenciosos (Gabriel).

As justificativas apresentadas em sua maioria revela uma abertura a aceitação do professor homossexual na universidade. Quando se fala de universidade e ensino superior impersistentemente somos remetidos a imagens de um ambiente de discussão de conceitos fundamentais, tanto em ambiente nacional como internacional, na procura do desenvolvimento da sociedade. Mesmo estudantes mais jovens que, às vezes, não estão dispostos para esta realidade, aos poucos, são incluídos em um novo ambiente que os convence a refletir de maneira mais abrangente e livre de preconceitos. Muitos professores homossexuais preferem silenciar sua escolha para evitar conflitos, agressões ou possíveis violências na universidade. Não só por parte dos estudantes, mas dos colegas docentes e, ainda, por funcionários das instituições.

Ao serem questionados se estudariam com um/a professor/a travesti, os/as participantes, 93,75% responderam que estudaria e 6,25% responderam que não estudaria e justificaram:

Não quero na minha sala (Ernesto). Porque não quero, mas em minha opinião é uma coisa normal (Antónia). Sim, desde que ela não pratica ato na sala (Rosa). É óbvio, o importante é o valor de um ser que ele tem e o aprendizado que eu vou ganhar com ele (Quinta). Eu não sou preconceituosa, quem sou eu para julgar os outros, eu aceito todo mundo do jeito que ele é, o necessário é a sua explicação (Francisca). Porque se ele quis ser assim, não sou ninguém para julga-lo (Segunda).

Independentemente do que ele é isso não vai afetar na minha vida (Cabral). Desde que ele tem coisa para me ensinar que nunca sabia (Julia). Porque eles são melhores professores que eu conheço (Angelina). Gostaria de estudar com professor travesti, mas no meu curso não temos professor travesti (Maio).

A rejeição da atuação de uma professora travesti é superior à revelada em relação ao homossexual. O fato da travesti revelar em seu corpo a subversão, as normas de gênero impostos pela biomedicina, alguns revelaram abertura e interesse em ter uma professora travesti o que demonstra posturas diferentes.

Existe uma situação de preconceito que é extrema em relação aos travestis. Essas pessoas sempre foram excluídas de quase todos os processos sociais, principalmente na educação e no trabalho. São indivíduos que tentaram estudar, tentaram trabalhar, mas esse direito foi roubado em razão das condições conhecidas de muito preconceito e muita violência da sociedade.

Quando indagados sobre a possibilidade de levar para estudar em casa um/a colega homossexual, 93,75% dos/as estudantes responderam que levariam e 6,25% responderam que não levariam e justificarem:

Não, para não vai querer outra coisa (Fernando). Nunca, mas no caso temos estudo coletivo sem problemas (Joaquim). Estudar em casa com colega homossexual não significa que vou ser como ele (Eduardo). Na minha casa não, mas estudar com ele na faculdade vou (Ernesto). Sim, porque a sabedoria não depende de homossexualidade (Marisa). Essa é uma forma de melhor nos conhecermos de trocarmos as ideias entre outras coisas (Francisca). Porque os homossexuais são humildes (Maio). Desde que ele saiba respeitar a minha privacidade (Albino). Porque já levei para estudar comigo, eles são muito esperto, pessoal não deixe uma oportunidade de essa passar (Amélia). Levo como questionário bem disse para estudar, para conversar menos relações sexuais isso não faz o meu tipo (Maria).

Conforme parte das justificativas, para alguns dos/as participantes é inimaginável a possibilidade de levar para casa um colega de sala homossexual, alguns destes revelaram não terem preconceitos, mas no momento de levar para casa a situação é modificada, pois o contato se limita ao espaço acadêmico. Apesar destas posturas outros em sua maioria do sexo feminino revelaram não ter problema em levar o colega homossexual para estudar em casa.

Em toda a história e em todo mundo a homossexualidade tem sido um elemento da vida humana, nesse caso, não pode ser considerada antinatural ou anormal. Não há dúvida de que a homossexualidade é e sempre foi menos comum do que a heterossexualidade.

Porém, a homossexualidade é abertamente uma característica muito real da espécie humana. Para muitos, ainda hoje sair do armário continua sendo uma questão de tempo.

Ao questionar os/as participantes sobre a possibilidade de sair para algum espaço público ou lazer com um/a colega homossexual, 93,75% dos estudantes responderam que sairia e 6,25% responderam que não e justificarem:

Nunca falamos sobre a saída (Joaquim). Depende, eu preferia sair com a menina do que menino (Ernesto). Sim, mas se for um grande amigo e colega (Albino). Posso, pois a convivência com qualquer ser humano é muito normal e é bom (Manuel). Sim, porque são pessoas humanas e o fato de ser homossexual não proíbe nada nem prejudica (Xavier). A saída para conviver não escolhe o espaço nem tipo de pessoa (Angelina). Claro que posso desde já que ele respeita a nossa amizade e sem exagero (Henrique). Ser amigo de um homossexual não implica nada, ele pode ser diferente, mas é uma pessoa (Eduardo). Com certeza até que eles divertem muito (Rosa).

Na maioria das justificativas apresentadas revelaram a abertura para saídas, para atividades de lazer com colegas homossexuais. A intimidade e o que ele simboliza para cada um, exclusivamente, estão presentes nas várias classes de análise que compõem o quadro de preocupações dos homossexuais, tais como identidade, diferenças, autonomia, emancipação, liberdade, e democracia. O campo de debate da intimidade e as suas possibilidades de mudança abrem uma nova perspectiva, ela sempre foi pensada como indicadora da identidade, e nesse sentido era a sexualidade o que mais importava. Os desejos, os sentimentos, enfim, os componentes da sexualidade representam a nossa maior liberdade e talvez por isso estejam sempre no campo dos segredos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada cultura apresenta suas características próprias e impõe seus modelos hegemônicos de homem e mulher em conformidade com o período histórico vivenciado. O Brasil e Guiné-Bissau são países que apresentam em suas culturas traços em comuns e

divergentes, muitas reproduções ainda em vigência é fruto do processo de colonização vivenciado pelos citados países que foram não descobertos, mas invadidos pelos portugueses.

Ao se apropriarem dos citados territórios os portugueses exterminaram culturas e impuseram suas estruturas culturais como “termômetro” para demarcar o estado ideal humano definido como “civilizado” e este ponto tem como centro demarcador os costumes e tradições portuguesas. O que não se situava dentro do limite determinado resultava em extermínio como de línguas, costumes, comportamentos, corpos e sujeitos. Desta forma não há espaço para aqueles ou aquelas que subvertem as normas e os códigos morais inclusive no campo das sexualidades tema norteador deste estudo. Fomos adestrados a pensar e agir de forma machista, sexista e LGBTTFÓBICO tanto Guineenses quanto os Brasileiros. Apesar destes pontos em comum somos diferentes principalmente pelo contexto histórico e destaco como marco também desta diferença o tempo que estes países levaram para conquistarem a independência enquanto nação.

Não apenas na cultura guineense, mas também na brasileira e outras, encontramos o preconceito e a discriminação em relação às diversas singularidades humanas como a de ser homossexual, lésbica, travesti e transexual, variando o grau de intensidade, pois algumas populações são mais manipuladas por pensamentos conservadores que outras.

Está evidenciado pelo método e técnicas deste estudo que os estudantes guineenses da UNILAB ao chegarem ao Brasil sofrem um enorme impacto ao se deparar com a forma explícita como a população LGBTTT se apresenta. O estranhamento é imediato, pois em nosso país (Guiné-Bissau) tais singularidades não se apresentam da mesma forma, ou se negam a se apresentar, em razão das normas culturais que oprimem tais subjetividades.

Verificamos através dos questionários que alguns estudantes guineenses aprenderam a conviver com os LGBTTT, mas outra parte resiste e sustenta tal pensamento no fundamentalismo religioso e/ou na biomedicina. Aqueles que resistem revelam seu ódio, o que se chama de, LGBTTT fobia alimentado pelo discurso também do sagrado, mas para outros, que convivem com essas diferenças, percebem que estão se sociabilizando com pessoas diferentes, mas normais que merecem respeito. A UNILAB proporciona um ambiente dinâmico e multicultural que permite pessoas tão diferentes compartilharem os mesmos espaços, estabelecerem diálogos e construir mudanças. Eu assim como muitos de meus colegas tive a oportunidade de modificar minha compreensão sobre a população LGBTTT a ponto de enfrentar e superar as tentativas de depreciação ao desenvolvimento deste trabalho.

Dentre as falas de alguns participantes do estudo, existe a tentativa de induzir a ideia que não existem homossexualidades em Guiné-Bissau e foi possível verificar inclusive pelos relatos da maioria que existe, mas não da mesma forma que a vivenciada em território brasileiro.

Não podemos afirmar que os estudantes de Guiné-Bissau da UNILAB são pessoas que tem preconceitos e discriminam à diversidade sexual não hegemônica, pois afirmação é um absurdo pelo que este estudo apresentou. Temos em comum o país de origem e a cultura, mas somos diferentes e pensamos diferentes. A produção desta pesquisa por uma estudante guineense da UNILAB, orientada por uma docente travesti, reafirma o disposto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. A construção de identidade sexual, a invenção do feminino. EID&A- Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.2, p. 5-14, maio. 2012.

ABRAMOVAY, Miriam. Juventude e sexualidade. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes et al (org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

- _____. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. Vol.1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- SILVA, Marcos Aurélio. Este corpo não te pertence! Algumas reflexões sobre saúde e doença na modernidade – O caso do “Homossexualismo”, 2005, pág. 1-28. Disponível em < <http://br.monografias.com/trabalhos-pdf901/este-corpo-nao/este-corpo-nao.shtml>>. Acessado em 22 de março de 2016.
- FURLANI, Jimena. Mitos e tabus sexuais. In: Mitos e Tabus da Sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em educação sexual, p.133-176. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BERGER, Peter L; BERGER, B. Socialização: Como ser um membro de uma sociedade. In: FORACCHI, M. M. & MARINS, J. S. (orgs) Sociologia e sociedade. RJ, Livros Técnicos Científico, 1980.
- CASTETBON, Philippe. Revista: Condenados no meu país, minha sexualidade é um crime. 2015.
- Houaiss, Antonio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando Gênero e Classe Social: uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- HEILBORN, M. L. (Org.) Família e sexualidade: juventude e sexualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- HALL, Stuart. Identidade étnica e processo escolar. Unisinos, São Leopoldo, RS, 1997.
- ANGUERA, M. T. Metodologia de Observação em Ciências Humanas, Madrid, Cátedra, 1985.
- WEEKS, Jeffrey. Sexualidade e seus descontentamentos: significados e mitos. Londres. 1985.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Cultura: dicionário de conceitos históricos. São Paulo, 2006.
- Oscar Aria Sanchez, Prêmio Nobel de Paz, 1987.
- PARASURAMAN, A. Marketing research. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem* Vol. 13 N.º 2 2º Semestre de 2009. Disponível em: <http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf> Acesso em: 28 abr. 16.

MINAYO, Maria Cecília de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 2ª ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993.

SILVA, Sandro P. Considerações analíticas e operacionais sobre a abordagem territorial em políticas públicas. In: IPEA. *Brasil em desenvolvimento 2013: Estado, planejamento e políticas públicas*. Brasília. 2013.

Bispo Raúl Vera. *Acámbaro, Guanajuato. Mexicano*. 1945.

RUA, M. G. Análise de políticas públicas: conceitos básicos. In: RUA, M. G; CARVALHO, M. I. V. (org.). *O estudo da política: tópicos selecionados*. Brasília: Paralelo 15, 1998. Coleção Relações Internacionais e Política. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ceam/webceam/nucleos/omni/observa/downloads/pol_publicas.PDF>. Acesso em: [28 abr. 2016] [[Links](#)].

<http://cabuloso.com/portal/news/view/preconceito-e-discriminacao-contrahomossexual>

HESS, Remi. O Momento do Diário de Pesquisa na Educação. In: *Ambiente e Educação – vol. 14 – Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande*, 1996.

———Leia mais em: <http://www.webartigos.com/artigos/reflexoes-sobre-o-diario-de-campo/82508/#ixzz479NF0DBB>

CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem* Vol. 13 N.º 2 2º Semestre de 2009. Disponível em: <http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf> Acesso em: 28 abr. 16.

ANEXO I

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Convidamos o (a) Sr

(a) para participar da Pesquisa intitulada “O impacto da diversidade sexual brasileira para os/as estudantes guineenses da UNILAB”, sob a responsabilidade da pesquisadora _____ e orientação da

professora **Drª Luma Nogueira de Andrade**. O estudo pretende analisar

compreender_____. Sua participação é voluntária e se dará pela resolução do questionário disponibilizado e entrevista registrada com gravador de áudio. Não existe risco decorrente de sua participação na pesquisa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o estudo da prática educativa desenvolvida na referida aldeia. Se depois de consentir em sua participação o (a) Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço

_____. Telefone_____, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNILAB E-mail: cep@unilab.edu.br, Telefone: (085) 33321204 Endereços: Avenida da Abolição, 3 – Centro. CEP: 62.790-000 Redenção-CE – Brasil.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado (a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós. Redenção, ___ de _____ de _____

**Assinatura do participante ou
 Impressão do dedo polegar Caso não saiba assinar**

Assinatura da Pesquisadora Responsável.

ANEXO II

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS BACHARELADO EM HUMANIDADES

Senhor (a) estudante,

O presente questionário é parte integrante do Projeto de Pesquisa de graduação do Bacharelado em Humanidades da UNILAB, cujo objetivo é subsidiar informação que identifiquem o pensamento de Vossa Senhoria em relação “O impacto da diversidade sexual brasileira para os estudantes de Guiné-Bissau da UNILAB”.

Vale ressaltar que não será divulgada a identificação do respondente, proporcionando o anonimato e assegurando a confidencialidade das informações prestadas.

QUESTIONÁRIO DO (A) ESTUDANTE

I – Perfil do (a) participante:

- 1- Qual a sua idade? _____
- 2- Qual o seu curso de graduação? _____
- 3- Qual a sua cor de pele? _____
- 4- Qual a sua religião? _____
- 5- Qual o seu sexo biológico? (1) Feminino (2) Masculino (3) Hermafrodito
- 6- Qual a sua orientação sexual? (1) Heterossexual (2) Homossexual (3) Bissexual
(4) Travesti (5) Transexual (6) Assexuado (7) Transita por duas ou mais alternativas anteriores.
- 7- Qual a região que habita em Guiné-Bissau? _____
- 8- Qual a sua etnia? _____
- 9- Qual a cidade onde atualmente habita? _____
- 10- Qual a renda familiar? (1) até meio salário (2) até um salário (3) até dois salários (4) até três salários (5) igual ou superior a quatro salários
- 11- Recebe algum tipo de bolsa? (1) Sim (2) Não. Qual (is): _____

II- As divergências culturais entre Brasil e Guiné-Bissau sobre as sexualidades.

- 12- Em sua região de Guiné-Bissau, é um órgão genital que determina o ser homem ou mulher? (1) Sim (2) Não

Justifique: _____

- 13- Em sua região de Guiné-Bissau, qual a diversidade sexual existente?
(1) Heterossexual (2) Homossexual (3) Bissexual (4) Travesti (5) Transexual (6) Outros

- 14- O que você acha da pessoa que nasce com um órgão genital e se comporta na sociedade de forma oposta?

- 15- Como são tratados os homossexuais em sua região de Guiné-Bissau?

- 16- Na Guiné-Bissau, existem políticas públicas e/ou leis de defesa aos homossexuais?

(1) Sim (2) Não. Por que: _____

III- A percepção sobre a diversidade sexual brasileira.

17- O que você acha de homem que relaciona sexualmente com outro homem, ou de mulher que relaciona sexualmente com a outra mulher? (1) Doença (2) Pecado (3) Normal (4) Anormal (5) Falta de vergonha (6) Outro _____

Justifique: _____

18- O que você acha da diversidade sexual brasileira?

19- O que você faria em relação aos homossexuais se pudesse interferir na realidade brasileira?

IV- A sociabilidade com a diversidade sexual brasileira.

20- Você já foi assediado por pessoa do mesmo sexo? (1) Sim (2) Não
Em caso de positivo, onde foi, como reagiu e o que achou?

21- Você faria amizade com um homossexual? (1) Sim (2) Não

Justifique: _____

22- Você gostaria de estudar com um homossexual? (1) Sim (2) Não

Justifique: _____

23- Você estudaria com um/a professor/a homossexual? (1) Sim (2) Não

Justifique: _____

24- Você estudaria com um/a professor/a travesti? (1) Sim (2) Não

Justifique: _____

25- Você levaria para estudar em casa um/a colega homossexual? (1) Sim (2) Não

Justifique: _____

26- Você sairia para algum espaço público de lazer com um/a colega homossexual?
(1) Sim (2) Não

Justifique: _____
